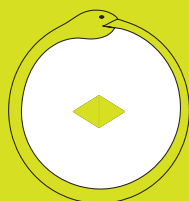
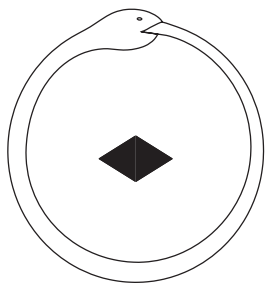


SETAS MÁGICAS COMO VÍRUS

Jean Pierre Chaumeil



cadernos
SELVAGEM



SETAS MÁGICAS COMO VÍRUS

Jean-Pierre Chaumeil

Texto que integra a antologia *SHAMANS THROUGH TIME:*

500 YEARS ON THE PATH TO KNOWLEDGE

editada por Jeremy Narby e Francis Huxley

(Jeremy P. Tarcher/Penguin, 2001)

Tradução de Madeleine Deschamps

Revisão de Victoria Mouawad

Na planície amazônica, os xamãs atacam as comunidades uns dos outros, mandando doenças e outros infortúnios sob a forma de setas, que são invisíveis para os não xamãs. O antropólogo francês Jean-Pierre Chaumeil encontra uma estreita correspondência entre essas setas xamânicas e os vírus. Na sua opinião, as sociedades amazônicas compreendem como funcionam os vírus. A diferença entre a prática medicinal delas e a medicina ocidental reside nos seus respectivos sistemas de crenças.

Em geral, estes projéteis invisíveis pertencem aos xamãs, que os mantêm dentro do seu próprio corpo (no estômago, peito ou braço), e os “alimentam”, diretamente com o seu próprio sangue ou com fumaça ou sumo de tabaco que consomem ao longo da sua trajetória; isso permite que as setas cresçam e até se reproduzam no interior do corpo. É geralmente aceito que essas setas provêm do mundo sobrenatural, principalmente de entidades invisíveis ou espíritos da floresta com os quais os xamãs entram em contato durante a sua iniciação. Essas setas são mais frequentemente associadas a massas viscosas ou “mucos”, que os envolve delicadamente (de acordo com o Yagua), ou nos quais tomam banho (de acordo com o Jivaro), e que, de alguma maneira constituem a sua maneira embrionária ou matricial. O Yagua também diz que o muco impede os projéteis de se colarem uns aos outros através da atração mútua. Eles assimilam o muco a uma substância lubrificante que reveste as paredes internas dos órgãos principais e facilita a circulação das setas. De acordo com essa definição, os projéteis mágicos são uma digestão de muco, um concentrado ou um embrião conservado numa espécie

de líquido amniótico. No entanto, o conceito de seta mágica não pode ser reduzido a esta única definição. Em várias línguas indígenas, a palavra seta também significa espírito, força, poder sobrenatural, energia ou conhecimento (em quíchua, a palavra seta é *yachay*, de *yacha*: “conhecer”). Seria difícil definir qualquer um desses conceitos separadamente. A noção de poder, por exemplo, na medida em que se permite ser apreendido como tal, designa ou implica na maioria das sociedades uma força (vital, mágica, guerreira ou xamânica), o domínio de visões ou substâncias (mágica, aromática, saborosa etc.) ou conhecimento (ritual, espiritual, esotérico). De acordo com essa visão, as setas mágicas são tanto princípios de conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, como um poder patogênico ou terapêutico.

Longe de constituírem objetos inertes, as setas são percebidas como entidades vivas, que podem crescer, reproduzir-se, movimentar-se em grande velocidade e percorrer distâncias muito longas. Nesse sentido, elas são comparadas às vezes à luminescências; e, é assim que muitas vezes aparecem aos aprendizes de xamãs. Também se diz que são carregadas com “eletricidade” (como um raio), ou capazes de uma grande força de atração, como um ímã. No entanto, essas entidades “elétricas” são dotadas de uma autonomia muito relativa. Não se movimentam livremente na natureza, mas são controladas por espíritos da floresta. Alguns grupos como os Achuar têm na verdade espíritos genéricos para cada categoria de setas. Os xamãs obtêm substâncias patogênicas (ou terapêuticas) a partir de entidades sobrenaturais que são fontes de doença em si, uma vez que possuem as setas. Os povos indígenas parecem, portanto, estar bastante familiarizados com a noção de agentes patogênicos no estado natural, mas os vêem como “controlados”, em vez de movendo-se livremente...

Na maioria dos casos, o contato com os espíritos proprietários das setas requer a ingestão de bebidas alucinógenas, que são preparadas, entre outras, a partir do cipó *Banisteriopsis caapi*, conhecida regionalmente como *ayahuasca* ou *yagé*. Para constituir o estoque mais diversificado possível de setas, os xamãs devem entrar em contato com o maior número de espíritos que puderem e aumentar em consequência o número de doses alucinógenas que absorvem. Por via de regra, os xamãs

mantém uma contabilidade exata do número de setas que possuem. Para permanecerem competitivos, devem manter um abastecimento constante de setas, alimentando-as ou obtendo novas setas da fonte.

As setas são exteriorizadas com a ajuda da fumaça ou sumo de tabaco, que tem o poder de fazer com que os projéteis “subam para trás” em direção à boca ou à extremidade de um membro, dependendo do caso...

Projetadas no espaço, as setas permanecem em contato com o seu dono através de mensagens sonoras, cantos ou filamentos invisíveis, e ocasionalmente comunicam entre si por diversos meios acústicos (assobios, murmúrios etc.). Entre os Shuar, os espíritos auxiliares chamados *pasuk* são os que mediam as relações com as setas, pois são os únicos que falam as “línguas” das setas...

Cada tipo de seta é frequentemente associada a um tipo de doença que ela supostamente deve inocular e às vezes curar...

As formas de extração de setas patogênicas do corpo das vítimas são bastante semelhantes em toda a Amazônia Ocidental. Consistem em massagens, sopros de fumaça de tabaco e sucções. No entanto, em alguns casos, a extração só é possível se o curandeiro tiver setas homólogas, que pertencem à mesma categoria que as presentes no corpo do doente. Essas últimas serão então “seduzidas” ou “atraídas” como que por magnetização e não conseguirão resistir ao desejo de se juntar às suas homólogas, garantindo assim a recuperação do paciente. Aqui, o caráter potencialmente patogênico e terapêutico das setas é evidente. Uma vez capturados, os projéteis patogênicos podem ser destruídos (por queima, entre outras técnicas), ou enviados de volta para o presumível agressor ou para um membro da sua família. Também podem ser incorporados no estoque de setas do curandeiro. Finalmente, devemos salientar que a maioria dessas noções estão disseminadas na sociedade mestiça regional...

O xamã não só acumula agentes patogênicos no seu organismo, como os “cultiva”, e “produz” novos, alimentando-os com fumaça ou sumo de tabaco (ou outros ingredientes). As setas irão reproduzir-se então em seu corpo como se fossem estacas recém plantadas. Além disso, o corpo do xamã é submetido a uma feminização durante a iniciação.

Segundo Harner, a transferência das setas Jivaro é muito explicitamente comparada ao parto, acompanhada por um “couvade”¹. O corpo do xamã torna-se uma espécie de complexo virológico, que não só carrega vírus, como também os produz (bem como o contra-vírus)...

As setas têm também um valor terapêutico, como força de sucção ou remédio; tal como os ímãs, “sugam” setas que são geralmente do mesmo tipo, e que estão alojadas no corpo. Segundo o Jivaro, estas últimos são seduzidas pelas suas homólogas, podendo depois fundir-se com o muco correspondente do xamã. Embora essa não seja uma regra absoluta, muitas vezes é necessário ter o mesmo tipo de seta que o objeto incriminado, a fim de curar. Por vezes é necessário cantar a mesma canção que a reconhecida como tendo provocado a doença. Tudo acontece como se se tratasse de um sistema de cura baseado em semelhanças, “vírus contra vírus”, que inevitavelmente nos faz pensar no princípio homeopático do contra-vírus.

As setas também formam uma armadura (couraça, cinturão ou escudo de proteção) em volta do corpo do xamã (e mesmo em volta das casas). As malhas muito apertadas dessa armadura tem a reputação de deter todos os projéteis inimigos. Este conceito de armadura de setas é muito difundido no Alto Amazonas, tanto entre os indígenas como entre os mestiços, que a chamam de *arkana* (em quíchua *arkay*: “parar, bloquear, fechar”). Esse sistema de proteção parece constituir uma forma de defesa auto-imune adquirida pelo xamã, que então pareceria ter um corpo parcialmente imunizado ou vacinado. Já descrevemos anteriormente o processo gradual de habituação ao agente patogênico transmitido boca a boca por um xamã praticante. De igual modo, durante as curas, os xamãs enfiam frequentemente várias setas na garganta, para capturar, imobilizar ou neutralizar o projétil extraído, que depois “vomitam”, ou incorporam em seu caldo de setas. Podem também fazê-lo simplesmente para evitar serem afetados pelas síndromes do seu paciente e para impedir que as seta incriminada se insinue nos seus próprios organismos...

1. costume de algumas sociedades, segundo o qual o homem vivencia simbolicamente o parto de sua mulher e, após o nascimento da criança, se recolhe como se estivesse em resguardo.

Em suma, sejam as setas terapia ou imunidade, tudo ocorre como se estivéssemos lidando com um vasto complexo “etno-viológico”. A sua particularidade é o caráter “produzido” e “controlado” dos agentes patogênicos e terapêuticos que o constituem. Poderia-se concluir que, se produzimos vacinas, e não vírus, os indígenas amazônicos parecem ter a tendência oposta de “produzir” vírus, e não vacinas – com exceção, claro, dos próprios “produtores de vírus”, nomeadamente os xamãs. Em outras palavras, as sociedades amazônicas parecem não ter esperado pela chegada da medicina ocidental para compreenderem os princípios de funcionamento de um sistema viológico. A examinação de um aspecto da sua prática medicinal, mostra que estão familiarizados com as suas linhas gerais, a diferença reside essencialmente nos sistemas de crenças associados. É por esta razão, sem dúvida, que as duas medicinas sempre tiveram, até agora e com muito poucas exceções, as maiores dificuldades para se compreenderem uma à outra.